



CONTRIBUIÇÕES DE TERRY EAGLETON PARA A COMPREENSÃO DA CRÍTICA DE ADORNO AO ESCLARECIMENTO

Robione Antonio LANDIM¹

RESUMO

O constante emprego do conceito de ideologia em nosso tempo exige que tal categoria seja (re) pensada, a fim de evidenciar o seu sentido ou sentidos. Tomando como referência o teórico Terry Eagleton, apresentaremos que ideologia contém uma gama de significados. Trata-se de um conceito plural. Nosso objetivo aqui, porém, não consiste em fazer uma apresentação meticulosa desses variados sentidos de ideologia. Nossa tarefa consiste em considerar uma determinada compreensão de ideologia tratada por Eagleton (1997a) e, a partir dela, compreender a crítica realizada por Adorno e Horkheimer (1985) ao conceito de esclarecimento. Intenta-se mostrar que a filosofia do esclarecimento, como apontado por Adorno e Horkheimer (1985), se coloca sem qualquer laço de dependência com as condições sociais e históricas, expressando, assim, uma percepção distorcida da realidade. Em poucas palavras, a ideologia que confecciona o esclarecimento é um sistema totalitário que gerenciou e distorceu todo conflito social, ou seja, é um sistema conceitual que buscou (re) construir a sociedade de cima para abaixo, transmutando a singularidade e pluralidade das coisas em um mero simulacro de si mesmo.

Palavras-chave: Eagleton. Adorno. Ideologia. Esclarecimento.

¹ Doutor em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Docente do Curso de Filosofia da UniAcademia.

1 INTRODUÇÃO

O conceito de ideologia tem sido demasiadamente empregado em nossa época, sobretudo no interior das discussões políticas, difundidas via mídias sociais. Mas, afinal, o que é ideologia? Considerando o uso frequente do termo, esta pergunta se justifica e se mostra relevante, pois, embora seja uma categoria usual o constante emprego não revela que o seu sentido seja sempre explicitado. Mas haverá um sentido único e adequado de ideologia? De acordo com Eagleton, o termo ideologia é plurívoco, ou seja, ele possui “uma série de significados convenientes”, mas “nem todos eles compatíveis entre si” (EAGLETON, 1997a, p. 15). Essa pluralidade de sentido indica uma riqueza e tentar comprimi-la num único significado seria um trabalho em vão, se é que possível.

Comparada literalmente a um texto (tecido), a palavra ideologia se assemelha como nas roupas e nos tapetes, em que os fios do tecido não estão soltos, dispostos a esmo pelo espaço, mas arranjados de modo que há pontos que os ligam, formando um conjunto de fios entrelaçados que por sua vez constituem a blusa ou o cachecol. No caso da palavra ideologia, Eagleton (deve-se a sua formação de crítico literário!) propõe evidenciar esses diferentes fios conceituais, mas sem o propósito de reuni-los “em alguma Grande Teoria Global” (EAGLETON, 1997a, p. 15). Ele simplesmente busca destacar o que há de valioso em cada um deles. Nosso objetivo aqui, porém, não consiste em fazer uma apresentação meticulosa desses variados sentidos de ideologia. Nossa tarefa consiste em considerar uma determinada compreensão de ideologia tratada por Eagleton (1997a) e, a partir dela, compreender a crítica realizada por Adorno e Horkheimer (1985) ao conceito de esclarecimento. Noutras palavras, intenta-se mostrar que a filosofia do esclarecimento, como apontado por Adorno e Horkheimer (1985), se coloca sem qualquer laço de dependência com as condições sociais e históricas, expressando, assim, uma percepção distorcida da realidade. Em poucas palavras, a ideologia que confecciona o esclarecimento é um sistema totalitário que gerenciou e distorceu todo conflito social. Obcecado pelo pensamento de identidade, a ideologia, para Adorno, é entendida como uma transmutação da singularidade

e pluralidade das coisas em uma mera simulação de si mesmo (EAGLETON, 1997b).

2 TERRY EAGLETON E A CRÍTICA DE ADORNO AO ESCLARECIMENTO

O pensador britânico Terry Eagleton (1943-) é um dos mais influentes críticos literários e culturais da contemporaneidade e que, em quase meio século de produção, consegue polemizar questões tanto na política como na teologia. Ele é herdeiro de uma tradição esquerdista de crítica cultural materialista os *Red Thirties*, que apoiados nas ideias de Marx e Engels procuravam circunscrever as condições materiais e históricas imbricadas na relação da cultura com a sociedade (MARINHO, 2013). Entre os teóricos que influenciaram diretamente o pensamento de Eagleton destacamos Louis Althusser, Pierre Macherey que tiveram forte influência na fase inicial do pensamento eagletiano em especial no seu livro *Criticism and ideology* (1976). Outro importante teórico que o influenciou foi Walter Benjamin, cuja posição sobre crítica estratégica e a tarefa do crítico, realmente tem referência direta na visão de crítica de Terry Eagleton (MARINHO, 2013). Caracterizado por realizar uma releitura do marxismo, sua importância nesse texto consiste em nos possibilitar uma compreensão de ideologia em Adorno, particularmente, na sua crítica ao esclarecimento.

Qual a relevância de destacar a compreensão de ideologia enquanto um mecanismo que distorce a realidade, que desconsidera os conflitos sociais e econômicos? Segundo Eagleton, uma linhagem central pode-se dizer que de “Hegel e Marx a Georg Lukács e alguns pensadores marxistas posteriores” compreende ideologia ligada “a ideias de verdadeira e falsa cognição, com a ideologia como ilusão, distorção e mistificação” (EAGLETON, 1997a, p. 16). Dito de outra maneira, essa definição de ideologia envolve questões epistemológicas, isto é, relacionadas ao nosso conhecimento do mundo. Conforme Eagleton (1997a), existem certas formas de pensamento que simplesmente esgotam uma determinada situação a partir de princípios gerais preestabelecidos, e a maneira de pensar “racionalista” é, com frequência, a responsável por esse equívoco. “Para o marxista da Escola de Frankfurt

Theodor Adorno, este mecanismo de troca abstrata é o próprio segredo da ideologia” (EAGLETON, 1997b, p. 163, tradução nossa).

Em nosso texto, portanto, evidenciaremos que a crítica de Adorno e Horkheimer ao esclarecimento se ergue a partir dessa noção de ideologia, isto é, enquanto sistema conceitual que busca (re) construir a sociedade de cima para abaixo, transmutando a singularidade e pluralidade das coisas em um mero simulacro de si mesmo. Nossa perspectiva compreende que por meio da ideologia, os esclarecedores legitimaram as condições sociais de exploração e de dominação, tornando-as verdadeiras e justas. Eles inverteram as relações entre as ideias e o real. A ideologia é um sistema de ideias que desconhece sua relação real com o real. Aversa a heterogeneidade, a ideologia do esclarecimento homogeneizou o mundo, tornando igual de maneira espúria fenômenos distintos (EAGLETON, 1997b).

O que se entende por esclarecimento? No sentido mais amplo e comum, esclarecimento é um projeto do pensamento que tem por objetivo o desencantamento do mundo. “Sua meta era dissolver os mitos e substituir a imaginação pelo saber” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 19). Francis Bacon é um representante desse plano que faz coincidir saber e poder. Nesse sentido, nada mais importa ao aprendizado que resulta desse conhecimento do que dominar a natureza e aos homens. Noutras palavras, o importante aqui não é saber o que é a verdade, mas a operação, o procedimento eficaz. A pergunta pela verdade não passa de uma questão vazia. Poder e conhecimento são sinônimos, de modo que o que o discurso científico está preocupado em “obrar e trabalhar e na descoberta de particularidades antes desconhecidas, para melhor prover e auxiliar a vida” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 20).

Com a ciência moderna, o mundo se torna desencantado, sem mistérios. O esclarecimento se equivale ao iluminismo? O esclarecimento e toda sua tentativa de universalizar o conhecimento deveria levar a espécie humana para sua maioridade? A tese do Adorno é que o esclarecimento e iluminismo não coincidem. Ademais, esse processo de desencantamento não começa na modernidade, mas é muito mais amplo e antigo. Desde a antiguidade, com os mitos, o mundo ganha uma série de representações sobre o mundo, tornando-se um discurso independente do mundo, em vista de

dominar a natureza. Esse domínio ganha expressão e força com a modernidade. Essa racionalidade que se pretende desde a Grécia é dominadora. Esta é a lógica da filosofia Ocidental.

Adorno quer evidenciar que o esclarecimento não é emancipatório, como tende a nos fazer acreditar os manuais de história da filosofia. A principal crença que nos é transmitida é a de que a modernidade conseguiu romper com um determinado tipo de conhecimento atrasado, mítico, religioso e construir um conhecimento novo. Porém, tal imagem que a modernidade fez de si mesma já é expressão do interesse da burguesia em explorar a natureza.

Adorno admite que os mitos que foram vítimas do esclarecimento, na verdade, já eram o produto do próprio esclarecimento. Noutras palavras, eles já trabalhavam segundo a lógica da disciplina e poder que será enaltecida no pensamento moderno de Bacon como objetivo a ser alcançado. Mito e magia já era uma tendência para dominar o mundo. Mito e ciência não se contrapõem. Com efeito, o mundo é submetido ao domínio dos homens e nisso estão de acordo a história judia da criação e a religião olímpica. “Enquanto soberanos da natureza, o deus criador e o espírito ordenador se igualam. A imagem e semelhança divinas do homem consistem na soberania sobre a existência, no olhar do senhor, no comando” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 24). Noutras palavras, o desencantamento está como um germe atuando desde as sociedades primitivas, para indicar que a separação cultura *versus* natureza é o ingrediente básico e essencial para o nascimento da divisão do trabalho como conhecemos e para o nascimento da dominação.

O mito se converte em esclarecimento, e a natureza em mera objetividade. O mito é uma reflexão sobre a natureza, isto é, uma maneira de indicar um nascimento, de explicar o presente e de evocar um futuro não tão distante. Essa estrutura se prolongará na ciência moderna. Com isso, Adorno sublinha que a relação do homem do esclarecimento com as coisas se assemelha ao ditador, isto é, “o homem de ciência conhece as coisas na medida em que pode fazê-las. É assim que seu **em-si torna para-ele**” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 24, grifos do autor). A essência das coisas se mostra como substrato da dominação. “A identidade é, pois, para Adorno, a forma prima de toda ideologia” (EAGLETON, 1997b, p. 165, tradução nossa). A crença na ideia de dominar o mundo já se fazia presente desde a magia, mas

se tornou uma dominação real graças a ciência, a valorização do conhecimento científico. A coisificação se apresenta como um efeito colateral insuperável desse processo.

Existe uma mentalidade que o conhecimento científico é neutro. Porém, Adorno (1985) não afirma a identidade essência entre pensamento e realidade. O conhecimento científico e técnico foram criados para domínios econômicos, capitalistas.

Supor que a ideia de liberdade é idêntica ao seu pobre disfarce existente no mercado capitalista é parar de ver que este objeto não está a altura do seu conceito. Pelo contrário, imaginar que o ser de qualquer objeto pode ser esgotado por seu conceito é o mesmo que suprimir a sua materialidade singular, porque os conceitos são inevitavelmente gerais e os objetos tenazmente particulares (EAGLETON, 1997b, p. 164, tradução nossa).

Nessa perspectiva, pode-se entender a ideologia do esclarecimento como aquilo que legitima o poder de uma classe ou grupo social dominante, de maneira a promover crenças e valores compatíveis com ele; naturalizar e universalizar tais crenças de modo a torná-las óbvias e aparentemente inevitáveis; denegrir ideias que possam desafiá-lo; excluir formas rivais de pensamento, mediante talvez alguma lógica não declarada mas sistemática; e obscurecer a realidade social de modo a favorecê-lo (EAGLETON, 1997a).

Para substituir a magia pela técnica industrial universal foi preciso, primeiro, que os pensamentos se tornassem autônomos em face dos objetos, como ocorre no ego ajustado à realidade. Foi necessário fundar um sujeito transcendental, claro e distinto, não corpóreo. “Nossa consciência reificada reflete um mundo de objetos imobilizados em seu monótono ser idêntico a si mesmo, e ao apegarmos ao que é, ao puramente dado, nos cega a verdade de que ‘o que é, é mais que o que é’” (EAGLETON, 1997b, p. 165, tradução nossa).

Para Adorno (1985), do mesmo modo que os mitos já levam a cabo o esclarecimento, assim também o esclarecimento fica cada vez mais enredado, a cada passo que dá, na mitologia. No auge do pensamento científico se tem um mito: tudo é previsto. Na ciência moderna a previsibilidade é absoluta.

“No trajeto para a ciência moderna, os homens renunciaram ao sentido e substituíram o conceito pela fórmula, a causa pela regra e pela probabilidade”

(ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 21). No período moderno, ficou ainda mais acentuada a ideia de que a natureza deve ser explicada, mas sem recorrer a forças soberanas ou imanentes, sem a ilusão de qualidades ocultas. “O que não se submete ao critério da calculabilidade e da utilidade torna-se suspeito para o esclarecimento” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 21). Ele irá se desenvolver sem a interferência de forças externas. Cada resistência espiritual que ele encontrar servirá apenas para aumentar sua força. O esclarecimento é totalitário. E essa característica se constitui como uma lógica que conduz a história da filosofia desde a antiguidade. Adorno, segundo Eagleton (1997b), parece pensar que essa lógica da razão analítica, metafísica, em algumas de suas expressões, é intrinsecamente reificadora. Nesse sentido, o esclarecimento segue o esquema da calculabilidade do mundo. O número tornou-se o seu cânon, a sua régua. Tudo que está para além dessa medida é considerado uma ilusão. Tanto é assim que a matemática é o paradigma do conhecimento filosófico desde a filosofia platônica. A razão matemática como paradigma da reflexão humana está presente na metafísica grega.

Na medida em que o esclarecimento substitui o mito, ele cai na órbita do mito:

quanto mais se desvanece a ilusão mágica, tanto mais inexoravelmente a repetição, sob o título da submissão à lei [...]. O princípio da imanência, a explicação de todo acontecimento como repetição, que o esclarecimento defende contra a imaginação mítica, é o princípio do próprio mito” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 26).

Não há novidade. O que há é a repetição do mito. O esclarecimento reproduz a sabedoria fantástica que ele rejeita. A “novidade” consiste no fato de que ele simplesmente elimina o incomensurável. Qual a vantagem disso? O preço que se paga é que os homens são forçados à real conformidade. Se não há nada para além dessa realidade, então devo me conformar. Não há a o que desejar. Essa é a mentalidade do senso-comum. A unidade da coletividade manipulada consiste na negação de cada indivíduo. “Em sua **Dialética do esclarecimento**, obra conjunta de Adorno e de seu amigo Max Horkheimer, a razão se tornou inerentemente violenta e manipuladora pisoteando as particularidades sensíveis da natureza e do corpo” (EAGLETON, 1997b, p. 165,

tradução nossa). Quer dizer que o princípio da identidade que conduz a razão metafísica, se esforça para suprimir toda contradição. Para Adorno, este processo alcançou sua plenitude no mundo reificado, burocratizado e administrado pelo capitalismo.

A metafísica nada mais era senão a hipostasiação da dureza e da exclusividade que os conceitos tinham que assumir onde quer que a linguagem reunisse a comunidade dos dominantes para o exercício do comando. O esclarecimento deu seguimento a essa lógica. A metafísica é o próprio desejo de comando. “Pois, o esclarecimento é totalitário como qualquer outro sistema” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 37). Nele o processo está decidido de antemão.

Nessa perspectiva, a concepção metafísica grega que serviria para explicar de maneira coerente e objetiva os fenômenos naturais e humanos, nada parece indicar que encontra-se intimamente articulada com a realidade social grega. Ora, sabemos que a sociedade grega é escravagista e que a sociedade medieval se baseia na servidão, isto é, são sociedades que distinguem radicalmente os homens em superiores – os homens livres, que são cidadãos, na Grécia, e senhores feudais, na Europa medieval – e inferiores – os escravos, na Grécia, e os servos da gleba, na Idade Média (CHAUÍ, 1980). Mas qual a relação da metafísica com a realidade social grega? Muita. Somente quando se adota a divisão trabalho intelectual e manual e a propriedade privada vão formar a sociedade de classes. O trabalho intelectual como privilégio de alguns, enquanto que o manual como necessário para muitos. Quando essa divisão se efetiva, se perpetua a sociedade de classes. Há divisão das pessoas em classes. Aquelas que tem mais poder ficarão com o trabalho intelectual e determinarão o que e como deve ser feito.

Essa negação das condições sociais e históricas também é prolongada no pensamento moderno. Costuma-se dizer, porém, que o pensamento moderno representa um grande progresso teórico, pois ao eliminar as causas finais do plano da Natureza eliminou explicações antropomórficas que impediam o desenvolvimento da ciência Física. O conhecimento matemático faz acreditar que estamos salvo do retorno do mítico. O procedimento matemático tornou-se o ritual do pensamento.

Mas que “progresso” é esse? De acordo com Chauí (1980), um dos resultados da Física moderna foi à possibilidade de explicar o corpo humano (anatômica e fisiologicamente) como um corpo natural, isto é, movido apenas pela ação da causalidade eficiente, como uma *máquina* que opera sem a intervenção da vontade e da liberdade. O homem livre é, portanto, um ser universal (sempre existiu e sempre existirá) que se caracteriza pela união de um corpo mecânico e de uma vontade finalista. Como expressão desse homem livre aparece o trabalho. Ora,

estamos agora diante de uma sociedade que eliminou a escravidão e a servidão, uma sociedade onde começa a dominar um tipo de homem que se valoriza a si mesmo não por seu sangue ou família (como é o caso do senhor feudal que vale por sua linhagem), mas por ter adquirido poder econômico e começar a adquirir poder político e prestígio social como recompensa de seu esforço pessoal, de sua capacidade de trabalho e de poupança. Estamos agora diante do **burguês** (CHAUÍ, 1980, p. 6, grifo da autora).

Mas além do burguês a nova sociedade é constituída ainda por outro homem livre, a saber, do trabalhador. Portanto, trata-se de diferenciar duas faces do trabalho: de um lado, o trabalho como expressão de uma vontade livre e dotada de fins próprios, e, de outro lado, o trabalho como relação da máquina corporal com as máquinas sem vida, isto é, com as coisas naturais e fabricadas.

Com isso como somos levados a acreditar em ideias se colocam como puro esforço intelectual, de uma elaboração teórica objetiva e neutra, de puros conceitos nascidos da observação científica e da especulação metafísica, sem qualquer laço de dependência com as condições sociais e históricas. O pensar reifica-se num processo automático e autônomo. Com efeito, o esclarecimento pôs de lado a exigência clássica de pensar o pensamento: ele o transformou em coisa, em instrumento, como ele próprio o denomina (ADORNO; HORKHEIMER, 1985). A reflexão, portanto, morre. Refletir é pensar sobre o pensamento. Mas se o pensamento se enrijeceu, então ele é incapaz de refletir, de debruçar sobre o meu próprio pensamento; de duvidar sobre o que já penso, de tematizar minhas ideias e opiniões.

“Para o positivismo que assumiu a magistratura da razão esclarecida, extravagar em mundo inteligíveis é não apenas proibido, mas é tido como um

palavreado vazio” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 38). Transgredir a realidade é sinônimo de desvario e autodestruição. O desdobramento disso é que o

o que a apreça como triunfo da racionalidade objetiva, a submissão de todo ente ao formalismo lógico, tem por preço a subordinação obediente da razão ao imediatamente dado. Compreender o dado enquanto tal, descobrir nos dados não apenas suas relações espacio-temporais abstratas, com as quais se possa então agarrá-las, mas ao contrário pensá-las como a superfície, como aspectos mediatizados do conceito, que só se realizam no desdobramento de seu sentido social, histórico, humano – toda a pretensão do conhecimento é abandonada (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 38-39).

O formalismo matemático mantém-se preso a figura mais abstrata do imediato. Quanto mais a maquinaria do pensamento subjuga o que existe, mais o esclarecimento regride à mitologia da qual jamais soube escapar (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 39). Só me interessa o que é redutível aos fatos. Isso significa que a realidade não pode ser alterada. A ordem deve ser mantida. Tudo que pensa para além dessa ordem é tida como irracional. Quero fatos concretos, diz o positivista, se não é comprovado em fatos, especula-se, imagina-se. Joga para escanteio todo e qualquer alternativa a essa realidade. Produz-se o conformismo à realidade estabelecida. Se eu não posso apresentar fatos para corroborar, então preciso me adequar a essa realidade. As inúmeras agências da produção em massa e da cultura por ela criada servem para inculcar no indivíduo os comportamentos normalizados como os únicos naturais, decentes, racionais (ADORNO; HORKHEIMER, 1985).

“O preço da dominação não é meramente a alienação dos homens com relação aos objetos dominados; com a coisificação do espírito, as próprias relações dos homens foram enfeitadas, inclusive as relações de cada indivíduo consigo mesmo. Ele se reduz a um ponto nodal das reações e funções convencionais que se esperam dele como algo objetivo. O animismo havia dotado a coisa de uma alma, o industrialismo coisifica as almas” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 40).

Enfim, qual a essência do esclarecimento?

A essência do esclarecimento é a alternativa que torna inevitável a dominação. Os homens sempre tiveram de escolher entre submeter-se ou submeter a natureza ao eu. Com a difusão da economia mercantil burguesa, o horizonte sombrio do mito é aclarado pelo sol

da razão calculadora, sob cujos raios gelados amadurece a sementeira da nova barbárie. Forçado pela dominação, o trabalho humano tendeu sempre a se afastar do mito, voltando a cair sob o seu influxo, levado pela mesma dominação (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 43).

O trabalho antes da revolução industrial já é dominação. No âmbito da dominação, o pensamento se restringiu à organização e à administração. A função intelectual em vista da produção significa o empobrecimento do pensamento e da experiência. “Graças aos modos de trabalho racionalizados, a eliminação das qualidades e sua conversão em funções transferem-se da ciência para o mundo da experiência dos povos e tende a assemelhá-lo de novo ao mundo dos anfíbios” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 47). O homem perde a sua individualidade e se torna meros seres genéricos, iguais uns aos outros pelo isolamento na coletividade governada pela força.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com a crítica de Adorno, em que medida o esclarecimento, enquanto projeto racional revela a ideologia? O esclarecimento se mostra como ideológico, na medida em que se percebe uma distorção da realidade. Noutras palavras, as ideias preconcebidas constituem como que lentes, estereótipos, através dos quais compreendo e percebo a realidade de maneira míope ou desfocada. A ideia de que a razão nos levará a uma representação adequada da realidade, como ficou disseminada na época moderna, particularmente com Descartes, tal noção é ideológica, pois, um dos traços fundamentais da ideologia consiste, justamente, em “tomar as ideias como independentes da realidade histórica e social, de modo a fazer com que tais ideias expliquem aquela realidade, quando na verdade é essa realidade que torna compreensíveis as ideias elaboradas” (CHAUÍ, 1980, p. 5). Na medida em que a razão é compreendida como um instrumento necessário e universal, não deixa, contudo, segundo Adorno (1985) de ser produto da abstração das relações entre os homens numa sociedade de trocas mercantis.

As representações humanas estão diretamente ligadas atividade material do homem. Nossa visão de mundo não vem da mente. Mas provem das relações concretas na produção. A vida concreta que determina o que eu

penso. O que eu faço pra viver que determina as ideias. Nesse sentido, a dominação sobre a natureza, que o homem exerceu desde os primórdios da história, mediante o seu saber e ânsia pelo lucro do capitalismo tardio, é reflexo das relações sociais. Assim, pessoas sofrem racismo porque ocuparam ou ocupam no decorrer da história um lugar distinto daquele do espírito dominador da natureza. Do mesmo modo que a subordinação das mulheres pelos homens refletem o princípio de domínio da natureza.

O progresso técnico, do qual se orgulhou o esclarecimento, pois, consistiu numa dominação e exploração da natureza, no fundo reflete com ingênua complacência, a exploração do proletariado. Mas, a maior parte dos indivíduos não se dá conta disso, visto que existem as ideologias que camuflam essa realidade, nos alienando dessas condições concretas. Por meio da ideologia, vemos as coisas, a realidade de maneira tendenciosa, através de um filtro imposto por algum sistema doutrinário externo. Com tais ideias pretende-se explicar a realidade, sem se perceber que são elas que precisam ser explicadas pela realidade. Embora nos façam pensar que essas ideias sejam aparentemente resultados do puro esforço intelectual, são, na verdade, expressões das condições reais, condições sociais e históricas, mas transmitidas de modo invertido e dissimulado.

Se a ideologia é as vezes falsificadora ou se envolve distorção, “isso ocorre menos em virtude de algo inerente à linguagem ideológica do que em virtude inerente à estrutura social à qual pertence essa linguagem” (EAGLETON, 1997a, p. 38). O discurso ideológico não é em si mesmo constituído de distorção. A distorção acontece porque a maioria das pessoas gostaria de acreditar que vive em condições sociais razoavelmente justas.

Com efeito, ideias e crenças ajudam a legitimar os interesses de um grupo ou classe dominante, mediante, sobretudo a distorção e dissimulação. Para legitimar-se no poder a classe dominante usa da distorção e da dissimulação, camufla-se a realidade. Porém, o pensamento tem como característica o questionar. Ele é o servo que o senhor não pode deter a seu bel-prazer. O aspecto racional é distinto da dominação. Isso se mostra pelo fato de evidenciar que a objetividade do meio, como algo sempre disponível para, já implica a crítica da dominação da qual o pensamento surgiu (ADORNO; HORKHEIMER, 1985). Porém, segundo Eagleton (1997b, p. 167), com sua

crítica, Adorno não pretende simplesmente substituir a identidade pela diferença; mas sua sugestiva crítica da tirania da equivalência leva muito mais "demonizar" o capitalismo moderno como um sistema sem suturas, pacífico e autorregulado.

TERRY EAGLETON'S CONTRIBUTIONS TO UNDERSTANDING THE CRITICISM OF ADORNO TO ENLIGHTENMENT

ABSTRACT

The constant use of the concept of ideology in our time requires that such a category be (re) thought, in order to highlight its meaning. Taking the theorist Terry Eagleton as a reference, we will present that ideology contains a range of meanings. It is a plural concept. Our goal here, however, is not to make a meticulous presentation of these varied meanings of ideology. Our task is to consider a certain understanding of ideology treated by Eagleton (1997a) and, from there, to understand the criticism made by Adorno and Horkheimer (1985) to the concept of clarification. It is intended to show that the philosophy of enlightenment, as pointed out by Adorno and Horkheimer (1985), places itself without any dependence on social and historical conditions, thus expressing a distorted perception of reality. In a nutshell, the ideology that makes enlightenment is a totalitarian system that managed and distorted all social conflict, that is, it is a conceptual system that sought to (re) build society from top to bottom, transmuting the singularity and plurality of things in a mere simulacrum of itself.

Keywords: Eagleton. Adorno. Ideology. Enlightenment.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. O conceito de esclarecimento. In:_____. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985, pp. 19-52.

CHAUÍ, M. **O que é ideologia**. São Paulo: Brasiliense, 1980.

EAGLETON, T. O que é ideologia? In: _____ **O que é ideologia. Uma introdução**. São Paulo: Ed. Unesp/ Ed. Boitempo, 1997a, pp. 15-40.

_____. De Adorno a Bourdieu. In:_____. **Ideología: una introducción**. Barcelona: Paidós, 1997, pp. 163-202.

MARINHO, A. Y. S. Terry Eagleton: a trajetória da crítica. **Aurora**: revista de arte, mídia e política, São Paulo, v.5, n.15, p.59-76, out. 2012-jan. 2013.